

# UNS... E OS OUTROS

Desde muito jovem que os amigos com quem privei foram descomplicados ciganos da margem sul, na pequena aldeia do Feijó, com os quais simulava teatrinhos ou festivais da canção, num qualquer prédio devoluto ou por acabar.

E a vida corria serena, sem atropelos e ai de quem me dirigisse uma palavra menos branda ou tentasse aproximação, que o meu grupinho amigo saltava do seu reduto para me proteger.

Mais tarde, na minha adolescência, o meu grupo mudou de cor. Alegres e voluntariosos miúdos negros que faziam as delícias das colegas da escola, sempre disponíveis para cantarolar e dançar umas tais músicas frenéticas de estontear.

E a vida continuou correndo na paz dos anjos, numa alegria plena que só as brincadeiras de rua souberam granjear.

Palavras como racismo ou xenofobia eram complicadas demais para a nossa cabecita sonhadora. Amávamo-nos uns aos outros, sem constrangimentos, apenas com o propósito do entretenimento sadio e da amizade sincera.



Mas o passar do tempo alterou este estado de coisas. Porque passámos a atuar de forma desigual? Porque não continuámos a amar-nos qual crianças, aspirando apenas à amizade e à felicidade absoluta?

Brancos, pretos, amarelos ou vermelhos, gente como eu, cuja mescla de cores embeleza a vida, e sem as quais o mundo seria apenas um soturno cinzento.



## VIDA ATIVA



## ARPIFC Nº. 50

Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos da Freguesia de Cacilhas



## O BICHO QUE NOS MORDEU

Já passaram três longos meses de calma inquietude, vergados pela longa espera de voltar ao caminho que traçámos e que de repente nos escorregou das mãos, sem que o conseguíssemos travar.

Mas não foi de todo inglório o caminho percorrido.

Arrumámos as casas e as mentes, tentámos recuperar tempos perdidos, conversas não travadas, ou ainda fazer do tempo morto um tempo vivido.

E andámos devagar, com os passos curtos que a casa permitia, cozinhámos pratos distintos, porventura tragáveis, engordando os ventres e a saudade.

Buscámos ser pessoas melhores, brincámos brincadeiras já esquecidas, fizemos com que o tempo fosse ainda mais, tempo de mudança.

Agora ambicionamos a nossa vida de volta, a que ficou suspensa como filme que estanca quando a fita se parte.

Queremos o quotidiano das nossas zangas, o embaraço dos transportes lotados para chegar ao trabalho, o desconforto de chegar tarde a casa com tarefas aguardando execução.

Quanto ao bicho ... agora que deixou em nós a sua marca indelével, que parta de fininho para não mais voltar.

# MEU ABRIL CONFINADO

Levantei-me bem cedo e o dia soalheiro prometia. Olhei de soslaio pela janela e nem viva alma circulava na rua estreita que se via até ao fundo, num silêncio ensurdecedor.

O meu cravo vermelho perfilava-se à janela, qual mero soldadinho de chumbo dando o mote necessário à efeméride.

Eram tempos de reclusão, delimitados por instruções externas e motivados por epidemias que não buscámos, mas nos foram apresentadas sem pudor. Não poderia sair à rua, como de costume, nem acompanhar em marcha a minha associação, ostentando o estandarte do nosso contentamento.

No rádio tocava uma ou outra melodia alusiva, revivendo o passado e enchendo de nostalgia o meu dia já repleto de saudades.

Às três da tarde, e como se pedia, vozes à janela entoaram a canção do Zeca, animados da vontade plena de comemorar abril.

Foi um dia diferente, pautado pela lembrança e pelo desejo de dias melhores.

E assim será, porque mesmo confinado, o nosso abril avança!



# O NOSSO BAZAR

O nosso artífice **Daniel Malveiro** continua a executar as mais originais e deslumbrantes peças de artesanato, modelos únicos com base na sua inspiração, utilizando como matéria prima materiais de utilização comum.

Desde as lindíssimas casas de campo, às peças decorativas, passando pelos reconhecidos presépios, confira a seguir referências criativas deste artista, que se encontram disponíveis na nossa instituição.



Não deixe de visitar o nosso Bazar para as suas prendas de Natal.

Ajude a nossa associação. Adquira uma peça única para o seu presente.

# Naturalmente inadequados

O universo tem formas muito subtis de fazer valer a sua força e nos lembrar que o homem é um ser minúsculo perante a sua plenitude.

Ao longo dos tempos foram surgindo os senhores do mundo e a subjugação dos mais frágeis, os monstros da economia ludibriando os mais desfavorecidos, os soldados da guerra aniquilando vidas inocentes, num crescendo temerário do jugo dos fortes sobre os fracos.

Agora que um ser minúsculo se imiscuiu nas nossas vidas e nos virou do avesso, não existe distinção entre ricos e pobres, luxos ou misérias, senhores ou lacaios.

As grandes fortunas, as figuras que endeusámos, os heróis que nos foram impingidos ao longo do tempo não são agora mais que meras partículas de história, nas estórias quotidianas.

Os verdadeiros heróis do momento são os médicos, enfermeiros, auxiliares, bombeiros, policiais, corroborados por centenas de homens e mulheres sem rosto que sustentam este país.

Os animais reclamam o seu espaço e passeiam pelas ruas observando o homem confinado!

Respira-se um ar mais limpo, os rios são mais translúcidos, os céus mais azuis, e o verde é luxuriosamente verde!

É o grito da terra clamando atenção, cobrando a vida descontrolada que temos vivido, ensinando-nos uma lição para o futuro que nos permita reverter o presente.

Que cessem as guerras, os desencontros e o desamor, aprendamos a cuidar da nossa terra, a desfrutar da beleza da vida, a unirmos as mãos para o bem comum, porque só de mãos dadas faremos deste mundo, um mundo melhor!



Folha processada com os recursos informáticos da ARPIFC  
Da responsabilidade da Direção  
Publicação trimestral (se possível)  
Escrevam qualquer coisa para publicar  
nos próximos números